**ECONOMIA BRASILEIRA DA DÉCADA DE 1910**

Lidiane de Moura dos Santos

Diego Spich da Silva

Aline Carpinsk Oliveira

Este trabalho tem como objetivo nos mostrar alguns acontecimentos históricos e econômicos da década de 1910, tendo como principal atividade econômica a cafeicultura, e as relações da economia local com a economia internacional.

O período colonial termina com a chegada da família real portuguesa no Brasil no ano de 1808. Foi nesse período em que se desenvolveram a economia e a sociedade açucareira e, depois, a economia e a sociedade mineradora. Em 1822, foi proclamada a independência, em um processo que não altera a ordem econômica política ou social vigente. 1831-1940 período em que os latifundiários escravistas estabeleceram poder hegemônico, controlando o sistema político e criando a norma legal do então neonato Estado brasileiro.

Porém, o governo externo trocou de face: tendo subjugado os portugueses no comércio exterior, os ingleses voltam para o Brasil com outros interesses: queriam não apenas os recursos naturais, os produtos primários e as matérias primas, como também queriam o mercado efetivo e potencial do jovem Império. Fazia com que o império britânico tivesse interesse na manutenção da de exportação primaria e no contingente de consumidores potenciais representado pelos escravos.

No século XIX a opção de continuidade na economia primaria foi a mão de obra escrava. Plantado no Rio de Janeiro, espalhando-se para Vale do Paraíba, que abrange o sudeste do Estado de Minas Gerais, o Estado do Rio de Janeiro e o Nordeste do Estado de São Paulo, o café era a melhor opção para os fazendeiros, em função de seus preços convidativos nos mercados europeus e norte-americanos. Na metade do século XIX o café estendeu-se para o oeste paulista, em razão de solo novos.

O café se convertera, sendo o principal produto de exportação da América do Sul. Isso aconteceu porque os cafeicultores se aproveitaram da demanda crescente do produto, impulsionada pelo crescimento da população urbana, o que acabava por interferir nos preços do café. O crescimento das exportações do café, passou a liderar o próprio crescimento econômico do país. No Brasil encontrava-se culturas também crescentes de cana-de-açúcar, fumo, algodão, borracha e mate.

Com os ganhos no comercio internacional na segunda metade do século XIX, e também pelo uso da mão escrava, em 1850, verifica-se uma forte expansão do produto. Tiveram início as estradas de ferro, a imigração estrangeira, o telégrafo, a fundação de casas bancárias, a ampliação do mercado doméstico, o crescimento de centros urbanos, beneficiados pelas primeiras manufaturas, que surgiram para atender o crescimento da economia cafeeira.

A estreita correlação entre o crescimento do país e a exportação do café traria problemas crônicos a economia. O Brasil passou a apresentar grande vulnerabilidade as crises econômicas ocorridas na Europa e nos Estados Unidos. Outro fator que gerou pressão crescente na economia foi a expansão da cafeicultura, provocando o aumento da produção, e no aumento da oferta.

As pressões para o abandono do uso da mão de obra escrava exercidas pela Grã-Bretanha desde o início do século, tornaram-se efetivas a partir de 1845, com o ultimato de *Bill Aberdeen*. Contudo, buscava eliminar a escravidão permitindo aos latifundiários a mão de obra assalariada.

Os últimos quatro anos do Segundo Império apresentariam condições favoráveis para o reabastecimento de finanças governamentais. O empréstimo para equipar o exército para a Guerra do Paraguai encontrava-se com as suas prestações pagas. Regularmente. A extração de látex no Norte do País, novo produto que se agrega a pauta de exportação, tem sido lucrativa e crescente, pois o projeto britânico de plantar seringueiras na Malásia, só adquiriria volume suficiente para inviabilizar o negócio no Brasil durante a década de 1910. A economia cafeeira se recuperava de uma safra volumosa que se dera em fase de preços baixos.

As crises econômicas enfrentadas pelo Império, em seus fatos geradores de natureza endêmica ou externa, estiveram sempre ligadas a três fatores:

* Circunstancias desfavoráveis da condição estável de país monoexportador;
* Problemas crescentes com a inviabilização gradual do uso de mão de obra escrava, resistência no reconhecimento desse processo e, por conseguinte, da tomada de medidas de favorecimento do trabalho assalariado da parte dos políticos do Império;
* Políticas monetárias restritivas, e quando expansivas, insuficientes.

As restrições apontadas persistiriam na maior parte dos anos da chamada primeira república (1889-1930). No entanto as condições objetivas da economia brasileira haviam se alterado substancialmente com a extinção da escravidão e da disseminação do trabalho assalariado, fato que possibilitou a liberação de forças econômicas contidas pelo Império.

Um ciclo de crescimento econômico dá-se início após a política econômica empreendida pelo governo campos Salles. As principais características desse período são: taxa média de crescimento do produto superior a 4% ao ano; ritmo de capital na indústria; fortes investimentos na infraestrutura de transportes, em especial em portos e ferrovias; manutenção de relativa estabilidade de preços.

A fonte de crescimento econômico tem origem no aumento das exportações de borracha e no aumento de investimentos externos no Brasil, segundo Fritsch (1990). A facilidade de contas externas, conduziu a apreciação da taxa de câmbio, o que acaba de minar a competividade do setor exportador. Para proteger o setor primário-exportador, foi estabelecido o padrão ouro em 1906.

Com padrão ouro e a fixação taxa de câmbio, esperava-se conter a apreciação da moeda brasileira e favorecer o setor exportador. Em 1906, foi estabelecida a Caixa de conversão em que seria feita a emissão de notas conversíveis em ouro, a uma taxa de câmbio.

Outro problema, foi no setor do café que era o principal produto da economia brasileira. Porém, devido ao excesso de oferta, o produto teve seu preço reduzindo mercado, gerando uma crise no setor. Entre as demandas foi estabelecido entre os estados produtores o Convênio de Taubaté, tendo como objetivo, controlar a oferta do produto no mercado internacional e nacional para forçar a revalorização do produto.

Em 1907, teve uma crise financeira internacional importante, com isso, caíram temporariamente os fluxos capitais para o Brasil. No ano seguinte 1908, tudo foi estabelecido, havendo a retomada dos influxos. Além disso, teve o aumento das borrachas, proporcionando um crescimento econômico que pendurara até 1913.

Em 1913, a situação começa a ser revertida com a piora das contas externas: queda no valor da exportações em decorrência da redução dos preços do café e da borracha; redução dos influxos de capitais. Resultado: o Brasil antes mesmo do início da Primeira Guerra Mundial, encontrava-se em recessão.

A economia brasileira era concentrada em torno do café. A cultura do café, constituiu para a fase conhecida como “*Republica dos Oligarcas*” (1894-1930), o principal motor da economia brasileira. Esse produto liderava a exportação na época, seguido da borracha e outros insumos. O estado de São Paulo capitaneava a produção do café.

Em 1888, efetivou a abolição da escravidão, e no ano seguinte a permanência dos imigrantes nas terras trabalhadas, tornando-se colonos.

No ano de 1918, a cafeeira se transformou em um complexo econômico com várias extensões. Os imigrantes que vinham a procura de trabalho nas lavouras de café, acabavam muitas vezes, deslocando-se para os núcleos urbanos que começavam despontar nessa época.

O processo de urbanização se desenvolveu em linhas gerais para facilitar a distribuição e o escoamento do café. A ampliação das linhas férreas foi planejada para melhorar esse processo.

A presença dos imigrantes nos centros urbanos, proporcionou para o aparecimento de empregos. Com a junção dessas novas formas de trabalho, favoreceu o fluxo de produtos manufaturados e o desenvolvimento das industrias nos centros urbanos.

Diante desse trabalho podemos concluir um quadro abrangente da economia na década de 1910 em que o Brasil passou. Década marcada pelas exportações cafeeira, pelo fim da mão de obra escrava e pelo desenvolvimento de indústria.

Referências Bibliográficas:

Evolução Brasileira. Disponível em:

<<https://evolucaobrasileira.wordpress.com>>

Acessado em 20 de maio de 2018.

SOARES, Fernando Antônio Ribeiro*. Economia Brasileira da Primeira Republica ao Plano Real:* ed. Campus. 2011.

PIRES, Marcos Cordeiro. *Economia Brasileira da Colônia ao Governo Lula:* ed. Saraiva.